

# MANUEL DE OLIVEIRA PAIVA NO CONTEXTO HISTORIOGRÁFICO DA LITERATURA BRASILEIRA

Mestre. Elisangela Aparecida da Rocha<sup>1</sup> (FECILCAM)

**RESUMO:** *O presente artigo propõe a análise da fortuna crítica de Manuel de Oliveira Paiva, autor da obra **Dona Guidinha do Poço**, pouco conhecida, mas com valores estéticos e históricos reconhecidos. Considerado o precursor do romance regionalista de 1930 no Brasil, não são claros os motivos que o relegaram ao esquecimento. Seria tal “incompreensão” provocada pela “insubmissão” aos modelos existentes na época? Propomos-nos apresentar como algumas obras da historiografia literária brasileira apresentam o escritor cearense e, ao mesmo tempo, verificar a maneira como são tratadas suas obras, com o objetivo de compreender como a discussão do cânone literário pode contribuir para o reconhecimento desse escritor.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Manuel de Oliveira Paiva, Historiografia literária, cânone.

## Introdução

No final do século XIX o estado do Ceará, assim como grande parte do país, passava por intensa agitação de idéias: as questões abolicionistas, republicanas e os novos pensamentos trazidos da Europa influenciavam e ditavam tendências tanto no campo político-social quanto no literário. É nesse contexto que aparece Manuel de Oliveira Paiva, cronista, poeta e autor de dois romances, *Dona Guidinha do Poço* e *A Afilhada*. O primeiro volume, no entanto, só viria a ser conhecido 60 anos após ter sido escrito, abrindo assim o caminho para a publicação de outras criações do mesmo autor.

Oliveira Paiva nasceu no Ceará em 2 de Julho de 1861, filho de João Francisco de Oliveira e Maria Isabel de Castro Paiva. Acredita-se que o primeiro contato que o escritor teve com a arte foi por meio de seu pai, marceneiro de profissão e habilidoso na arte de esculpir imagens religiosas, habilidades que transmitiu aos filhos João e Manuel. Estes eram frequentemente solicitados para fazer reparos na Capela da cidade em que viviam, acontecimentos que mais tarde, como podemos observar em suas obras, lhe serviram de inspiração. No ano de 1875, depois da morte do pai, Oliveira Paiva entra para o Seminário do Crato, fazendo parte da primeira turma. Antes mesmo de terminar seus estudos abandona o Seminário e parte, em 1880, para o Rio de Janeiro com o intuito de ingressar no Colégio Militar. Por esse tempo começa a manifestar-se suas aptidões para a carreira literária colaborando assiduamente na revista *A Cruzada*, na qual publicou tanto composições em verso quanto em prosa.

Em 1883, por problemas de saúde, interrompe seus estudos e retorna à província do Ceará. Segundo Rolando Morel Pinto, esses são os únicos estudos regulares do escritor, de que se tem notícia. Acredita-se que sua erudição venha de sua grande capacidade de leitura: “Pois demonstra, através de sua obra, não somente erudição, mas principalmente, utilização em face das correntes de pensamento e as tendências artísticas da época...” (PINTO, 1967, p. 32).

Embora tenha colaborado no Jornal da Escola, foi somente com a sua volta à terra natal que Oliveira Paiva ingressou realmente na vida intelectual. Contrariando as recomendações médicas de descanso e cuidados com a saúde, atende ao apelo de seu dinamismo e se volta para as questões sociais de seu estado. É por essa época que se filia ao grupo do jornal, de caráter político, *O Libertador*, da

Sociedade Libertadora do Ceará. Ao mesmo tempo em que desempenha as atividades jornalísticas inaugura, juntamente com outros artistas do Ceará o Clube Literário e passa a colaborar intensamente n'A *Quinzena*, a revista do clube. Embora já estivesse gravemente acometido pela tuberculose não abandona os ideais que perseguia, a luta pela abolição e pela República. Obrigado a voltar ao sertão aproveita o período de reabilitação para colher os materiais para a composição de seu mais famoso romance *Dona Guidinha do Poço*, obra que deixou pronta para a publicação, quando morreu em setembro de 1892.

A obra do escritor cearense vai desde as composições em verso até criações teatrais, no caso do drama *Tal Filha, Tal Esposa*, mas é para a prosa que Oliveira Paiva demonstra maior inclinação, publicando no jornal *O Libertador* em sua coluna fixa "A Semana", crônicas contos, folhetins e inclusive seu primeiro romance, *A Afilhada*.

Embora o objetivo aqui não seja o de fazer uma crítica biográfica ou mera apresentação da vida do autor, essa breve retrospectiva colabora para a localização tanto temporal quanto espacial do escritor cearense. Observando as datas apresentadas podemos recordar que nesse período produziam alguns dos mais renomados escritores de nossa literatura, dentre eles Aluísio Azevedo e Machado de Assis, por esse motivo Oliveira Paiva deve ser respeitado como alguém que, embora por muito tempo esquecido, ainda pode encontrar seu lugar em nossa historiografia em um período em que muitos ficaram definitivamente esquecidos. À pesquisadora Lúcia Miguel Pereira é devido o mérito pelo resgate desse romancista, considerado por muitos como o precursor da prosa regionalista no Brasil. O presente artigo objetiva fazer uma apresentação desse escritor tão tardiamente conhecido, assim como fazer uma análise de como este é apresentado na historiografia literária brasileira.

## 1- Manuel de Oliveira Paiva na historiografia literária brasileira

O espírito inquieto de Oliveira Paiva o tornava um escritor em busca de um gênero que melhor transmitisse suas idéias. Por esse motivo suas criações vão desde romances de costumes, como *A Afilhada*, ao romance regionalista, *Dona Guidinha do Poço*. Ao fugir dos modelos vigentes, em busca de certa independência, demonstrava importante originalidade:

Desde suas primeiras obras denotou profunda originalidade o seu temperamento literário, a expandir-se, segundo Antonio Sales, em uma 'insubmissão instintiva aos modelos conhecidos, uma aversão tal pelas praxes de composição em voga que o levava ao bizarro das concepções imprevistas e das expressões estranhas pela novidade excêntrica'. (PEREIRA, In: PAIVA, 1993, p.442)

A procura pela originalidade, um estilo próprio, no entanto, segundo Lúcia Miguel Pereira, não era algo premeditado para armar um efeito, "para que ele parecesse bizarro, bastava que fosse natural" (p.442). Assim, as perguntas que fazemos são: Seria a incompreensão da obra de Oliveira Paiva provocada por essa sua "insubmissão" aos modelos existentes na época? Podemos dizer que a impossibilidade de se afirmar a que gênero pertence o seu mais importante romance, *Dona Guidinha do Poço*, foi o motivo de tão longo esquecimento?

O problema que norteou o reconhecimento tardio da obra de Oliveira Paiva pode, no entanto, possuir uma raiz não tão profunda assim, acredita Álvaro Lins (1967). A discussão política sobre formação do cânone literário, a injustiça cometida pela incompreensão de suas criações, talvez não

sirvam como justificativas para o seu esquecimento, a questão teve também contribuições de ordem editorial, ou seja, por fatores extraliterários, o que provoca certa discordância quanto ao assunto. Álvaro Lins afirma que houve quem o compreendesse em sua época, como o historiador José Veríssimo, que tentou publicar seus manuscritos na sua *Revista Brasileira* no final do século XIX.

O processo que relegou Oliveira Paiva ao esquecimento se inicia no mesmo ano de sua morte, 1892, o Movimento “Padaria Espiritual”, surgido nesse mesmo ano, do qual erroneamente afirmam Oliveira Paiva fazia parte, nada fez para lembrar o nome do autor de *Dona Guidinha do Poço*. O *Pão*, jornal do movimento, de acordo com Lúcia Miguel Pereira, embora promovesse edições sobre vários autores cearenses, não publicou nada de Oliveira Paiva. Isso, no entanto, não demonstra má vontade por parte dos colaboradores do jornal, mas simplesmente a impossibilidade que existe, de acordo com Lúcia Miguel Pereira, em *enxergar o que se apresenta frente aos olhos*.

Antonio Sales, amigo e conterrâneo de Oliveira Paiva, em uma visita a terra natal, recebe da viúva deste os manuscritos de *Dona Guidinha do Poço*, sua obra ainda inédita. De volta ao Rio de Janeiro, Sales entrega a José Veríssimo que começa, em 1899, a publicá-los em sua *Revista Brasileira*. Obrigada, por motivos financeiros, a fechar suas portas, a publicação do romance regionalista é interrompida no quarto capítulo.

Assim o romance permanece escondido até que, por volta de 1951, Lúcia Miguel Pereira, por ocasião da composição de sua obra *História da Literatura Brasileira – Prosa de Ficção – (De 1870 a 1920)* faz a sua descoberta enquanto pesquisava os arquivos da *Revista Brasileira*, iniciando assim uma intensa busca pelos originais da novela, até que o encontra em posse de Américo Facó, presenteado por Antonio Sales com uma cópia dos manuscritos de Oliveira Paiva. “Foi Lúcia Miguel Pereira, com sua diligência e respeito à criação literária, que arrancou do esquecimento a figura de Manuel de Oliveira Paiva, projetando-a nas páginas da história literária do Brasil.” (PINTO, 1967, p. 9).

O romance *Dona Guidinha do Poço*, no que diz respeito a temática, nada tem de tão inovador e extraordinário. Uma história comum e verídica, extraída das crônicas policiais de uma pequena cidade do sertão cearense, um simples caso de crime passionai e de adultério transformado em obra literária pela habilidade de seu autor. De acordo com Lúcia Miguel Pereira (1957), os temas mais simples e, por isso, universais, são os que mais exigem do escritor, pois o êxito depende exclusivamente da maneira como foi tratado, a linguagem sertaneja, a descrição dos hábitos, são fatores que Oliveira Paiva trouxe para sua obra, transformando-a em uma mostra do sertão nordestino, dando uma nova face à prosa regionalista brasileira.

O respeito em relação à criação de Oliveira Paiva se consolida quando pensamos que, por essa época, por volta de 1952, já circulavam obras regionalistas de grande expressão na literatura brasileira, como de escritores como José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Obviamente o objetivo aqui não é fazer uma exaltação à obra do cearense, embora seja impossível não admirarmos a capacidade que esta tem de permanecer atual mesmo sendo publicada quase 60 anos após ter sido escrita. O Regionalismo de Oliveira Paiva inova por diferir completamente do regional buscado por José de Alencar e Bernardo Guimarães, os quais apresentavam uma obra com sentido meramente descritivo e por vezes caindo para o localismo e folclórico. O senso de observação de Oliveira Paiva, nas palavras de Álvaro Lins, é que permite a ele captar a realidade para transcrevê-la em termos literários. O que pretendemos com isso é demonstrar a importância de escritor na formação da literatura regionalista brasileira.

Em sua obra sobre a história da Literatura Brasileira Lúcia Miguel Pereira afirma que a obra de Oliveira Paiva

Merece figurar em nossa literatura no mesmo plano que a Inocência e Luzia homem, vencendo talvez pela densidade psicológica a primeira e pela fluidez da linguagem a segunda. Mais escritor que Domingos Olímpio, mais penetrante que Taunay (...)

Oliveira Paiva logrou o equilíbrio, raro em obras regionalistas, entre a reconstituição do ambiente e o relevo dos tipos” (PEREIRA, 1973, p.200)

Fazendo uma breve descrição dos dois romances, *Dona Guidinha do Poço* e *A Afilhada*, a crítica demonstra como o romancista se realiza por meio da prosa regionalista. Comparando as duas obras conclui que, embora seu romance de costumes *A Afilhada* apresente criaturas mais complexas, no qual o drama social é mais denso, é com *Dona Guidinha do Poço* que o escritor encontra a realização criativa, figurando na história da literatura brasileira como um dos precursores da prosa regionalista. Refletindo sobre seu mérito em recuperar esse autor do passado, Lúcia Miguel Pereira diz:

Já tive a fortuna de descobrir um livro a bem dizer desconhecido de Machado de Assis, *Casa Velha*; descoberta de machadiana pesquisadora, que nada, entretanto acrescentava à glória do nosso maior escritor. Ter contribuído com a publicação deste é satisfação muito mais profunda: tornar conhecido um ficcionista como Manuel de Oliveira Paiva será o melhor serviço que poderei prestar às letras no Brasil. (PEREIRA, In: PAIVA, 1993, p. 448)

O primeiro estudo realmente aprofundado sobre o autor de *A Afilhada* foi do professor da Universidade de São Paulo, Rolando Morel Pinto – *Experiência e Ficção de Oliveira Paiva* (1967). Este estudo constitui uma retomada geral da obra do cearense, assim como sua trajetória de vida e o momento histórico vivido. A obra de Rolando não é, necessariamente, uma obra de historiografia literária, mas sim de crítica, que contribui como fonte fundamental para estudos posteriores. É por meio de sua obra que descobrimos que antes que Lúcia Miguel Pereira houvesse descoberto os manuscritos de *Dona Guidinha do Poço*, Antônio Sales, Araripe Junior e Tristão de Ataíde já haviam se manifestado criticamente em relação ao escritor. Nos dois primeiros impera ainda a crítica biográfica, ao gosto dos positivistas, intercalando informes sobre a vida do autor e sua obra, principalmente Antônio Sales no qual os comentários são inspirados, sobretudo na amizade que o uniu ao escritor cearense. Quanto a Tristão de Ataíde, em um estudo sobre o sertanismo de Afonso Arinos, tem contato com os capítulos de *Dona Guidinha* publicados na *Revista Brasileira*, e se manifesta sobre Paiva da seguinte forma:

Se não fora, porém, a lei inflexível, que parece por vezes perseguir os nossos moços nas letras, a outro estaria reservada a missão de interprete inicial do sertanismo regionalista, em sua face particular de literatura das secas. Foi ele quase um desconhecido para as nossas letras: Oliveira Paiva (...) Do sertão trouxera um romance *D. Guidinha do Poço*, cuja publicação foi interrompida, como vimos, com o desaparecimento da *Revista Brasileira*. Seria a sua revelação. Eram páginas de sertanismo inteiramente novo para a época: secas, vivas, originais, sem se demorarem em longas descrições e, pelo contrário, sabendo evocar a paisagem em duas características, com rara concisão de estilo e fragrância de transposição. Os tipos são verdadeiros e cheios de vida. Tudo revela um temperamento literário de excepcional acuidade de visão, libertado de preconceitos e exprimindo-se por meio da maior sobriedade de traços, apenas os essenciais. (ATHAYDE, In: PINTO, 1967, p. 10)

Não foi somente Tristão de Ataíde que se viu surpreendido pela breve aparição de Oliveira Paiva na *Revista Brasileira* de José Veríssimo. Monteiro Lobato, em correspondência enviada a Godofredo Rangel em 4 de Abril de 1916, divide com o colega as impressões que tivera sobre o romancista cearense desaparecido tão cedo.

Na Revista Brasileira de José Veríssimo li uma novela dum Oliveira Paiva, cearense morto aos 30 anos, que me encheu as medidas. Penso escrever um estudo sobre esse livro, *Dona Guidinha do Poço*, a coisa mais nacional que tenho lido. Acho que se não morre tão moço, esse Oliveira Paiva seria o Messias do romance brasileiro” (LOBATO, 1972, p. 236)

Assim, quando Oliveira Paiva é (re)apresentado por Lúcia Miguel Pereira, já podemos encontrar algumas impressões que sua obra deixou no meio intelectual. A ela (Lúcia Miguel Pereira) coube como já citado, o papel de inserir, definitivamente, a figura do romancista na história literária brasileira.

Antonio Candido e José Aderaldo Castelo em *Presença da Literatura Brasileira* (1981), ao falar de Oliveira Paiva classificam sua obra, *Dona Guidinha do Poço*, como pseudo-regionalista. Não há uma profunda reflexão, somente algumas considerações sobre sua obra. As demais criações são apenas citadas. Sobre *Guidinha*, dizem:

É uma história de adultério e crime passionai, que escapa ao lugar-comum por dois motivos essenciais: o poder do romancista de levantar ao perfil vigoroso do homem como expressão moral e telúrica de determinada região; e as qualidades da linguagem ou do estilo refletidas nas características orais do processo narrativo. (CANDIDO e CASTELO, 1981, p. 165)

Do mesmo modo, Nelson Werneck SODRÉ em *História da Literatura Brasileira – Seus fundamentos econômicos* faz menção ao cearense, ligando seu nome basicamente ao romance redescoberto por Lúcia Miguel Pereira. Sodré define a obra de Paiva como uma mescla de naturalismo e regionalismo. A influência naturalista para ele é extremamente marcante.

Ao que nos parece há uma necessidade em aproximar Oliveira Paiva dos outros romancistas que tenderam para a prosa regionalista.

O ponto nodal destacado por Sodré é a aproximação que a protagonista de Paiva tem a com a protagonista de Domingos Olímpio – *Luzia Homem*, ambas mulheres fortes e masculinizadas, em um ambiente em que a força patriarcal vigorava. Não pretendemos aqui negar as marcas naturalistas existentes na obra de Paiva (de fato essas marcas existem), mas somente demonstrar o equívoco que há na historiografia literária brasileira, que tenta “encaixar” as produções de acordo com a tendência do período em que foi produzida: “Parece ter havido, de outra parte, pelo menos coincidência no valor de quase todos os regionalistas que se submeteram à influência naturalista” (SODRÉ, 1964, p. 414).

Por outro lado, José Guilherme Merquior (1997), observa a questão de modo menos flexível, ao inserir Oliveira Paiva em um movimento est tico, afirma, colocando a obra deste ao lado da obra de Domingos Olímpio, que nem uma nem outra, pertencem à literatura regionalista. Para ele, existe uma distância entre o realismo desses “romances da seca”, do regionalismo exótico e ameno do final do século. Assim Oliveira Paiva figura entre os representantes da est tica naturalista, movimento que, para Merquior, constitui-se a grande manifestação pós-romântica em detrimento da est tica realista: “Foi o romance naturalista à Zola, que trocou a objetividade esteticista de Flaubert pela análise de pretensões

científicas, que constitui, entre nós, a primeira manifestação de peso de um estilo pós-romântico (MERQUIOR, 1977, p. 109). Ao que nos parece, realmente, o fator que norteia as discussões sobre Oliveira gira em torno da impossibilidade de definição de sua obra, enquanto alguns, como vimos a definem, como regionalista-naturalista, outros a consideram basicamente representante da estética naturalista.

Desse modo, os historiadores da literatura brasileira que tratam de Oliveira Paiva não o fazem com tanta profundidade, a menção que se faz é sempre em torno de *Dona Guidinha do Poço*, ou mais superficialmente ainda, a partir das observações feitas por Lúcia Miguel Pereira, a seu respeito, como é o caso de Aderbal Jurema (1968), na obra *A Literatura no Brasil* de Afrânio Coutinho, que se refere a Paiva partindo das observações da crítica, concordando que entre o grupo de escritores cearenses é o que apresenta melhor estilo e “de mais aguda observação psicológica” (p. 259), em um período em que havia além de um acentuado “sabor sociológico” permeando a prosa de ficção nordestina, uma, “Literatura mais descritiva paisagística, do que psicológica-social, a prosa de ficção nordestina daquela época estava em perfeita correspondência com nossa incipiente formação literária” (JUREMA, in: COUTINHO, 1968, p.250)

O que se observa nas considerações feitas por Aderbal Jurema é que as mesmas recaem sobre o apego a datas e a vida do autor em detrimento de uma análise estética mais aprofundada, que é possível comprovar a partir da tentativa de identificá-lo com as obras “daquela época”.

Atendo-nos ainda à questão de “classificação estética” do escritor cearense não podíamos deixar de lado as observações de Wilson Martins (1977) que curiosamente não se refere criticamente à *Dona Guidinha do Poço*, mas ao primeiro romance de Paiva, *A Afilhada*, o qual, mesmo sem acrescentar nada de extraordinário à prosa de ficção, tem sua importância por apresentar “apreciáveis qualidades” no que se refere ao gênero realista. Observamos assim que, para Martins, Oliveira Paiva, não é um naturalista, mas sim um realista. Não há, em suas considerações, qualquer referência a Oliveira Paiva no que diz respeito a sua primazia no romance regionalista moderno.

Se por um lado, Martins e alguns historiadores e críticos ignoram ou suavizam a importância de Oliveira Paiva no contexto de formação da literatura brasileira, mais exclusivamente no que se refere ao regionalismo, Alfredo Bosi (2001), em *História Concisa da Literatura Brasileira*, o define como um dos concretizadores da tendência realista-regionalista. A proposta de Francklin Távora, de um realismo com ares de manifesto e reivindicação, uma tendência de aproximação com o meio a que se refere, em franca crítica a José de Alencar, a propósito do romance *Gaúcho*, virá a concretizar-se somente mais tarde com Manuel de Oliveira Paiva e José Lins do Rego. (p. 146). Se entendermos a realização da prosa regionalista como aquela capaz de representar as *relações concretas* entre o homem e o meio, através de uma linguagem original, podemos afirmar que Oliveira Paiva alcança grande êxito nesse gênero, para Bosi, “será preciso esperar pela linguagem incisiva de Graciliano Ramos para se ter algo que supere as densas notações de Dona Guidinha”. (p. 196). Para o autor de *História Concisa da Literatura Brasileira*, Oliveira Paiva, com sua prosa de inspiração regional, representa o início da prosa regionalista concretizada na década de 30.

## Conclusão

Ao fazermos essa “viagem” pela historiografia literária brasileira em busca da configuração do escritor cearense, percebemos que os estudos literários, de forma alguma, são cristalizados ou fechados em uma única definição. Embora, como já citamos, tenha sido o fator extraliterário também responsável pelo “esquecimento” da obra de Oliveira Paiva, percebemos uma grande indefinição quanto à estética predominante em sua obra, cada historiador, como vimos, o analisa a sua maneira.

Assim, para não cairmos no paradoxal, ao mesmo tempo em que criticamos a tradição do encaixe, não queremos criticar o problema da indefinição. Oliveira Paiva, assim como naturalista, foi também realista e regionalista, mas acima de tudo foi tão somente Manuel de Oliveira Paiva, com sua originalidade, ora objeto de crítica, ora objeto de admiração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio e CASTELO, José Aderaldo. **Presença Da Literatura Brasileira**. 9 ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1981.
- CHAVES, Flávio Loureiro. Para a crítica de Manuel de Oliveira Paiva. **Organon**. Porto Alegre, UFRS, 12 (12): 99-112, 1967
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 2 ed. 6vls. Rio de Janeiro: Sula Americana, 1968-71.
- LINS, A.. **Jornal de Crítica**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1963, 7ª Série.
- BARROSO, Gustavo. A verdadeira Dona Guidinha do Poço. **A margem da Literatura do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962
- FACÓ, Américo. **Um livro e seu destino**. (Posfácio A Dona Guidinha do Poço). São Paulo: Saraiva, 1952.
- MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1977-78.
- MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: Breve História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977.
- LOBATO, José Bento Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972, p. 235-6.
- MONTENEGRO, Braga. Oliveira Paiva. **Luso Brazilian Review**. Madison: The University of Wisconsin Press, dez 1965, 3-28.
- PAIVA, Manuel de Oliveira. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Graphia, 1993. Série Revisões;6.
- \_\_\_\_\_. **Dona Guidinha do Poço**. Rio de Janeiro: Artium, 1997.
- PEREIRA, Lucia Miguel. Manuel de Oliveira Paiva. **Prosa de Ficção –de 1870 a 1920**. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Brasília: INL, 1973, 199-204
- PINTO, Rolando Morel. **Experiência e ficção de Oliveira Paiva**. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1967.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. Seus fundamentos econômicos. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969

---

<sup>1</sup> Elisangela Aparecida da ROCHA, Mestre em Letras.

Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – Departamento de Letras –  
[elisangelarocha@superig.com.br](mailto:elisangelarocha@superig.com.br)